



Imagens de videovigilância e amadoras nos telejornais: uma discussão sobre pluralidade, inclusão, diversidade e democracia ¹

Pedro Boyd Tavares, UFRJ ²

Ana Paula Goulart de Andrade, UFRJ, Facha e Unilasalle ³

Resumo

Este trabalho pretende trazer à tona a questão dos usos das imagens amadoras e de vigilância na narrativa televisiva, em especial, nos telejornais locais. Diante do novo ecossistema midiático e, conseqüentemente, da necessidade de alterar o modelo de negócio televisivo, o movimento inevitável de inclusão de imagens verticalizadas nos produtos jornalísticos de televisão gera uma sensação de inclusão, promovendo uma plástica visual próxima da cultura de rede. Mas até que ponto estão sendo promovidas nas rotinas produtivas, de fato, narrativas mais plurais, inclusivas e democráticas? Ou a utilização de imagens dessa natureza está cumprindo apenas de maneira performática uma aproximação com a linguagem das redes? De que forma a mídia hegemônica permanece contribuindo com uma realidade socialmente construída que colabora para o aumento da desigualdade, discurso de ódio e outras mazelas sociais? Quais impactos o consumo dessas narrativas podem causar? Como fica a questão da verdade e credibilidade jornalística? E de que forma isso pode alterar o mercado de trabalho? Todas essas questões somam-se à falta de regulamentação da mídia no Brasil que vem trazendo conseqüências corrosivas para o jornalismo e, conseqüentemente, para a democracia, promovendo influência na configuração de uma sociedade incivil (SODRÉ, 2021).

A intrusão de imagens produzidas fora da rotina canônica telejornalística alcança níveis crescentes. O resultado da pesquisa sobre o telejornalismo apócrifo (GOULART DE ANDRADE, 2014, 2018) que comparou análise de conteúdo entre o “Jornal Nacional”, “Jornal da Record” e “SBT Brasil” (principais telejornais de cobertura nacional das três maiores emissoras do país) mostrou que os canais chegaram a preencher cerca de quarenta por cento da programação de seus telejornais com imagens de videovigilância e amadoras. Anelado a isso, o trabalho etnográfico, resultado de entrevistas versando sobre essas imagens externas realizadas com vários profissionais da área, percebe, entre muitas outras

¹Trabalho submetido ao Encontro Regional Sudeste 2022 de Ensino de Jornalismo - Grupo de Trabalho de pesquisa na graduação.

² Bolsista de Iniciação científica pela Faperj – Fundação de Amparo à Pesquisa do estado do Rio de Janeiro. Graduando da Eco – UFRJ. E-mail: pedro.boydtavares@gmail.com

³ Doutora pela PUC-Rio, Professora da Eco – UFRJ, Facha e Unilasalle. Vice-líder do Grupo de Pesquisas Tejer – Teorias do Jornalismo e Experiências profissionais da Puc-Rio. E-mail: goulartdeandrade@gmail.com



coisas, que a deontologia do telejornalismo e as técnicas que lhe são afeitas estão em franca instabilidade, fruto da tensão que se estabelece entre a ética profissional e o frenesi midiático, interferindo, dessa maneira, não só nas condições de produção do telejornalismo atual (e tudo que isso envolve), mas também e principalmente nos produtos noticiosos que chegam até aos telespectadores, alterando os modos da construção social da realidade (BERGER & LUCKMANN, 2003; ALSINA, 2009).

Diante do novo ecossistema midiático (CANAVILHAS, 2010; JENKINS, 2009; SCOLARI, 2008) e o inevitável uso de imagens verticalizadas na narrativa telejornalística na era da telefona (GOULART DE ANDRADE, 2021), torna-se inevitável trazer à tona questões como: em que medida essas imagens trazem a pluralidade, diversidade e inclusão para a sociedade que agora tem voz com a efetiva participação nos noticiários? Será que os telejornais locais estão cumprindo, de fato, a promessa de um lugar pedagógico e de referência (VIZEU, 2009) a que se propõe, ou representam uma busca de tentativas de ressignificação do modelo de negócio? E mais: que tipo de realidade social está sendo construída a partir dos usos (e abusos) de imagens de vigilância e amadoras?

Por fim, para refletir sobre a relação entre sociedade e mídia, trazemos a importância da regulação da mídia e perspectivas da comunicação pública como princípios de pluralidade e diversidade (COUTINHO, 2013). Ao contrário de uma visão distorcida que associa a regulação ao cerceamento da liberdade de expressão, o movimento regulatório seria um dispositivo de proteção e forma de amparo para a democratização da comunicação, contribuindo para o combate ao crescimento de uma sociedade incivil (SODRÉ, 2021).

Palavras-chave: Telejornalismo; rotinas produtivas; formatos noticiosos; videovigilância; imagens amadoras.

Referências

AGUIAR, L.; GOULART DE ANDRADE, A. P. **Novas interfaces nas rotinas produtivas e credibilidade jornalística: uma contribuição aos estudos da profissão.** In: Mediação – FUMEC. V. 22, n. 31, pp. 67-79. Belo Horizonte, jul/dez, 2020.

ALBUQUERQUE, T. C.; MELLO, S.E. ; REIS, M. A.; GOULART DE ANDRADE, A.P. **A cobertura da Covid-19 no Rio de Janeiro:** aspectos da rotina produtiva do Telejornalismo Local. *Ámbitos* (Sevilla), v. 1, p. 71-86, 2021.

ALSINA, M. R. **A construção da notícia.** Petrópolis: Vozes, 2009.



BECKER, B. **Televisão e Telejornalismo: Transições**. 1 ed. São Paulo: Editora Estação das Letras e Cores, 2016.

_____. **Telejornalismo de qualidade**: um conceito em construção. In: Revista Galáxia, São Paulo, n. 10, p. 51-64, dez. 2005.

BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 2003.

CANAVILHAS, J. **Do gatekeeping ao gatwatcher**: o papel das redes sociais no ecossistema mediático. In: II Congresso Internacional de Comunicação 3.0. Nuevos Medios, Nueva Comunicación. Salamanca: Universidad de Salamanca, 2010.

COUTINHO, I. **O telejornalismo narrado nas pesquisas e a busca por cientificidade**: A análise da materialidade audiovisual como método possível. Anais do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. São Paulo – SP: USP/Intercom, 2016.

_____. COUTINHO, Iluska (Ed.). **A informação na TV pública**. Florianópolis: Editora Insular, 2013.
DUARTE, J.; BARROS, A. (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006.

EKSTRÖM, M. **Epistemologies of TV journalism**: a theoretical framework. In: Journalism, v. 3, n. 3, pp. 259–282. Sage Journals (EUA), 2002.

KANTAR, I.M., **Target Group Index | 7d - BR TG**, 2019.

KOVACH, B.; ROSENSTIEL, T. **Os elementos do jornalismo**: o que os jornalistas devem saber e o público exigir. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

GOULART DE ANDRADE, A. P. **Telejornalismo apócrifo**: perspectivas sobre o uso de imagens amadoras e de videovigilância na construção da narrativa telejornalística. Dissertação de mestrado. Orientador: Leonel Azevedo de Aguiar. Rio de Janeiro: PUC, Departamento de Comunicação, 2014.

_____. **Entre crenças e ecrãs**: comunidade transterritorial, telejornais e webtelas de Portugal. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Comunicação Social, 2021.

_____. **Telejornalismo apócrifo**: a construção da notícia com imagens amadoras e de vigilância. Florianópolis: Insular, 2018.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.



RÊGO, A. R.; BARBOSA, M. **A construção intencional da ignorância**: o mercado das informações falsas. Rio de Janeiro: MauadX, 2020.

SCOLARI, C. **Hacia la hipertelevisión**: los primeros síntomas de una nueva configuración del dispositivo televisivo. In: Diálogos de La Comunicación – Revista Académica de La Federación Latinoamericana de Comunicación Social – Universitat de Vic, n. 77, pp. 1-9. Barcelona, jul/dez, 2008.

SODRÉ, M. **A sociedade incivil** – mídia, liberalismo e finanças. Vozes, 2021.

VIZEU, A. **O telejornalismo como lugar de referência e a função pedagógica**. In: Revista Famecos – PUC-RS, v. 16, n. 40, pp. 77-83. Porto Alegre, dezembro, 2009.